

**PRÁTICAS LINGUÍSTICAS
E ENSINO DA
ARGUMENTAÇÃO: UMA
ABORDAGEM DO
GÊNERO DISCURSIVO
DEBATE LIVRE NO
ENSINO FUNDAMENTAL II**



Juliana Neves Schaeffer
Fernanda Borges Ferreira de Araújo



AS AUTORAS

JULIANA NEVES SCHAEFFER

É aluna do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) do Ifes. Pós-graduada em Língua e Literatura pela Faculdade Saberes (2016) e licenciada em Letras – Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011). É professora efetiva da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo.

FERNANDA BORGES FERREIRA DE ARAÚJO.

Doutora em Estudos Linguísticos (2011), com ênfase em Análise do Discurso, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui mestrado em Estudos Linguísticos (2006) também pela UFMG; especialização em Estudos Linguísticos (2003) e graduação em Letras-Português (2002) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Possui experiência na área de Linguística, atuando, principalmente, nos seguintes temas: análise do discurso, enunciação, argumentação. Docente do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus Vitória, atuando no curso de licenciatura em Letras-Português, bem como nos cursos técnicos e no Mestrado Profissional e Letras (Profletras).



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

S294p Schaeffer, Juliana Neves.

Práticas linguísticas e ensino da argumentação [recurso eletrônico] :
uma abordagem do gênero discursivo debate livre no ensino fundamental
II / Juliana Neves Schaeffer, Fernanda Borges Ferreira de Araújo – 1. ed.
- Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2023.
34 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-713-5 (*E-book*)

1. Linguística. 2. Linguística – Estudo e ensino. 3. Argumentação –
Estudo e ensino. 4. Análise do discurso literário. 5. Ensino fundamental –
Língua portuguesa. 6. Língua portuguesa. I. Araújo, Fernanda Borges
Ferreira de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 - 410



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO	06
O MODELO DIALOGAL DE PLANTIN	10
A SEQUÊNCIA DIDÁTICA	11
PÚBLICO ALVO	13
AS AULAS	13
1ª ETAPA: QUESTIONÁRIO – PESQUISA DE INTERESSES	14
2ª ETAPA: APRESENTAÇÃO ORAL DE UM COMENTÁRIO CRÍTICO	14
3ª ETAPA: PRODUÇÃO INICIAL DE UM DEBATE LIVRE	19
4ª ETAPA: A ARGUMENTAÇÃO	22
5ª ETAPA: A PRODUÇÃO DO DISCURSO ARGUMENTATIVO	30
6ª ETAPA: A PRODUÇÃO FINAL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34



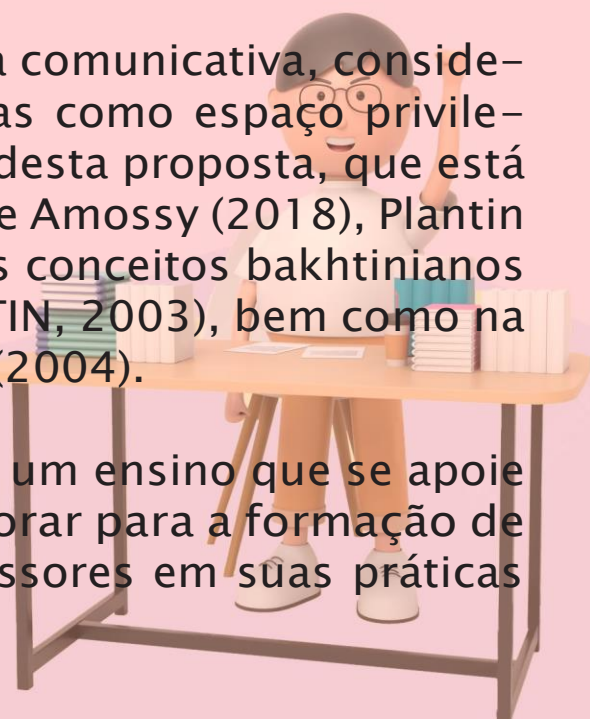
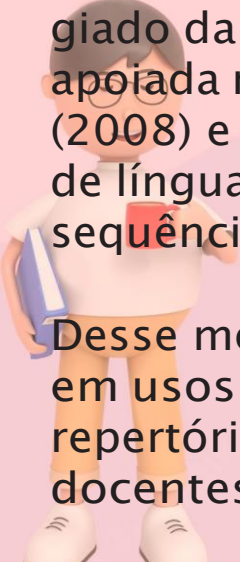


APRESENTAÇÃO

Nosso trabalho surgiu da observação do comportamento dos alunos em sala de aula e da necessidade de planejar ações didáticas ativas para os discentes. Durante as aulas de Língua Portuguesa, as conversas entre os alunos são muito frequentes. Eles já trazem de suas experiências particulares informações sobre programas televisivos, filmes, seriados, acontecimentos sociais, assim como formam opiniões diversas sobre o mundo que os cerca. A partir de tal observação, nos confrontamos com a seguinte questão: “Como direcionar essa habilidade dos alunos para os objetivos de ensino de Língua Portuguesa?”

Percebemos essas manifestações linguísticas como possibilidades para o ensino da argumentação por meio do gênero textual-discursivo debate livre, uma vez que a inserção dos alunos em contextos interacionais públicos de produção do discurso é extremamente significativa para o exercício da cidadania, além de abrir espaço para que os alunos vocalizem suas percepções de mundo em sala de aula.

Portanto, este material, desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras/UFRN/Ifes, tem como objetivo apresentar uma sequência de atividades que possam servir de referência quando se trata da reflexão, em sala de aula, dos usos linguísticos, especialmente a aprendizagem de estratégias e procedimentos variados da argumentação na modalidade oral.



Dessa forma, desenvolver a competência comunicativa, considerando as práticas linguísticas discursivas como espaço privilegiado da argumentação é um dos focos desta proposta, que está apoiada nos estudos da argumentação de Amossy (2018), Plantin (2008) e Piris (2021), em diálogo com os conceitos bakhtinianos de língua, linguagem e interação (BAKHTIN, 2003), bem como na sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004).

Desse modo, esperamos contribuir para um ensino que se apoie em usos reais da língua, além de colaborar para a formação de repertório didático que auxilie os professores em suas práticas docentes.

ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

Ao pensarmos o planejamento das aulas de língua portuguesa, muitas são as atividades voltadas para a produção escrita. Contudo, não devemos nos esquecer da produção da modalidade oral da língua, uma vez que devemos levar em consideração a formação cidadã crítica e participativa em uma sociedade democrática que se estabelece por meio das duas modalidades.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 67–68) preconiza a realização de práticas linguísticas “que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.”

Tais práticas linguísticas, a nosso ver, estão amparadas em uma concepção dialógica de ensino que toma o discurso como base, pois, para Bakhtin (2003, p. 282), nós nos comunicamos através de gêneros do discurso e, portanto, o enunciado é a unidade da comunicação discursiva.

Desse modo, apoiamo-nos nas palavras de Geraldi (2006, p. 38), pois temos em vista o trabalho com a língua que leve o aluno a “assumir a sua função de sujeito do discurso, seja enquanto falante ou escritor, seja enquanto ouvinte ou leitor-intérprete.” Diante disso, priorizamos o ensino da argumentação em sua dimensão interacional e discursiva, dado que, de acordo com Piris (2021, p. 140), a argumentação é uma prática social de linguagem.

Outro ponto a considerar é o fato de que os alunos já são argumentadores ativos em seu dia a dia. Eles já trazem de suas experiências particulares informações sobre programas televisivos, filmes, seriados, acontecimentos sociais, assim como formam opiniões diversas sobre o mundo que os rodeia. Nosso intuito, nesta proposta, é oportunizar espaços em que os discursos

possam emergir, a fim de que se possibilite conhecer e analisar posicionamentos, as constituições discursivas dos enunciados e seus lugares de fala, considerando as situações interacionais da vida pública dos discursos argumentativos.

Para tanto, acreditamos que o ensino da argumentação só pode ser feito de maneira crítica e não dogmática, como reflexão acerca das diferentes estratégias e dos variados procedimentos argumentativos.

Para Amossy (2008, p. 17), argumentar é provocar a adesão do outro por meio de um fazer discursivo. Logo, para a autora, a argumentação é um princípio que atravessa os discursos, pois:

a palavra tem uma força que se exerce nas trocas verbais, no decorrer das quais os homens dotados de razão podem, por meio de vias não coercitivas, levar seus semelhantes a compartilhar de suas perspectivas, fundamentando-se no que lhes parece plausível e razoável de crer e fazer. (AMOSSY, 2008, P. 17)

Plantin (2008, p. 129) define que argumentar é da natureza da linguagem. Segundo o autor, não se pode negar este universal antropológico-linguístico, pois as pessoas “exprimem pontos de vista, de que às vezes elas entram em desacordo a esse respeito e de que manifestam essas diferenças com comportamentos linguísticos e significantes interacionalmente organizados”.

Pires (2021, p. 140), por sua vez, ratifica esse pensamento ao afirmar que a argumentação é uma prática social de linguagem própria do regime democrático, em que os participantes disputam sentidos acerca de uma questão argumentativa.

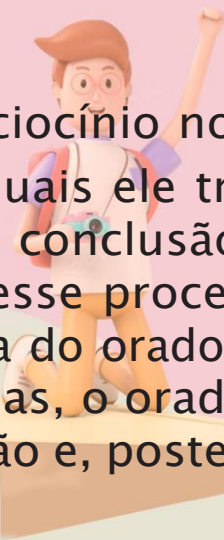
Do ponto de vista didático, essa disputa de sentidos é muito pertinente para o tratamento da argumentação em sala de aula e, em especial, da análise argumentativa. De acordo com Amossy (2018, p. 11-12), a análise argumentativa é um ramo da Análise do Discurso, que visa “esclarecer os funcionamentos discursi-

vos, explorando uma fala situada, e pelo menos, parcialmente sujeita a coerções.” Nessa análise, relaciona-se, nas palavras da autora, “a fala a um lugar social e a quadros institucionais”, pois não se aceita um enunciador totalmente responsável pelos seus dizeres, uma vez que “o locutor como o auditório é sempre atravessado pela fala do outro”. Desse modo, levamos em consideração:

[...] o estatuto do orador, as circunstâncias sócio-históricas em que ele toma a palavra ou a pena, a natureza do auditório visado, a distribuição prévia dos papéis que a interação aceita ou tenta frustrar, as opiniões e as crenças que circulam na época são fatores que constroem o discurso e cuja análise interna deve levar em consideração. (AMOSSY, 2018, p. 12)

Amossy (2018, p. 17) explica que o locutor deve, por meio da razão e da organização lógica, levar o seu alocutário a aderir a uma tese. Nesse processo, deve prospectar as capacidades de raciocínio do(s) alocutário(s). A autora (2018, p. 18) ainda esclarece que, na perspectiva aristotélica, o logos, ou seja, a atividade verbal fundada na razão, é um dos “polos do empreendimento da persuasão retórica”, que é entendido por nós como a produção do discurso do locutor. Simplificadamente, o discurso é permeado por estratégias de persuasão. Outra parte fundamental é o ethos, isto é, “a imagem que o orador projeta de si próprio em seu discurso e que contribui fortemente para assegurar sua credibilidade e sua autoridade”. Não menos relevante é o pathos, “a emoção que o orador busca suscitar em seu auditório, pois é importante tanto comover quando convencer, caso se queira conseguir a adesão e modelar comportamentos.”

Amossy (2018, p. 21) ainda explica que o orador deve “levar em consideração crenças, valores, opiniões daqueles que o escutam”. O orador deve saber quais são as “opiniões dominantes e convicções incontestáveis que fazem parte da bagagem cultural de seus interlocutores”. Nessa estratégia, o orador baseia seu



esquema de raciocínio nos valores e crenças compartilhados, por meio dos quais ele transita os seus próprios argumentos e transfere sua conclusão ao acordo inicialmente partilhado. Interpretamos esse procedimento como estratégia da constituição discursiva do orador, ou seja, integrando as vozes do interlocutor às suas, o orador conduz seus argumentos a fim de receber aceitação e, posteriormente, a adesão esperada dele.

A partir desse suporte teórico, preparamos as atividades de compreensão e análise discursiva de uma produção argumentativa. Para realização do debate livre, sustentamos nossa proposta no modelo dialogal de Plantin (2008).



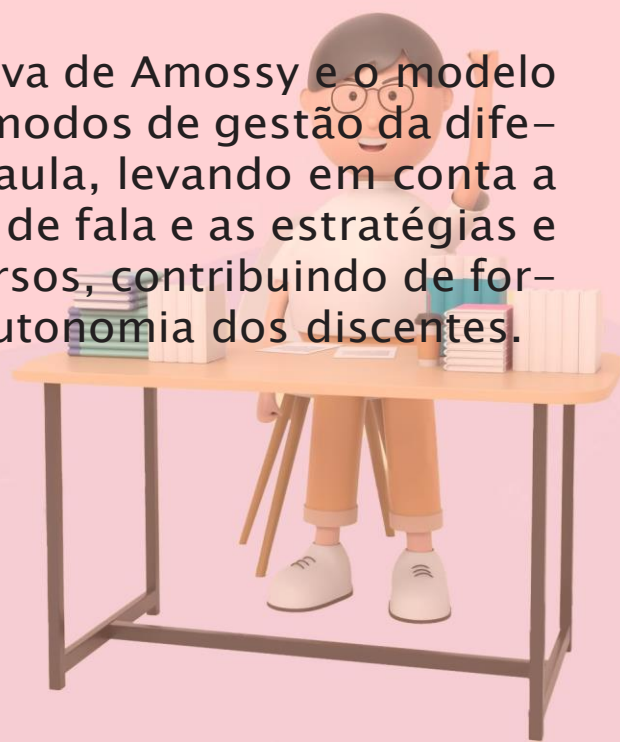
O MODELO DIALOGAL DE PLANTIN

Quanto à própria ação de argumentar, do ponto de vista didático, a fim de que os alunos participem de uma interação argumentativa e da construção de seus discursos, o modelo dialogal de Plantin (2008, p. 63–66) nos oferece o esquema teórico Pergunta – argumento – conclusão e os papéis argumentativos de Proponente, Oponente e Terceiro.

Plantin (2008, p. 63–66) assevera que “a atividade argumentativa é desencadeada quando se põe em dúvida um ponto de vista.” É necessário que haja dois pontos de vista distintos em relação a uma mesma pergunta. Assim, ele desenvolve a noção de pergunta argumentativa, que é “produzida pela contradição discurso/contra-discurso”. Logo, a partir de uma Pergunta, o Proponente enuncia seu posicionamento. O Oponente enuncia um posicionamento contrário. O Terceiro inclui aquele que não concorda nem com o Proponente, nem com o Oponente, refutando ambos. Este é o responsável por fazer o questionamento, ele mantém a Pergunta.

Logo, temos uma situação do que Plantin (2008, p. 77) chama de “trílogo”. Conseqüentemente, os discursos se “bipolarizam, atraem os locutores interessados, que se identificam como argumentadores em destaque, normatizam sua linguagem e a alinham com um ou outro dos discursos em presença.” (PLANTIN, 2008, p. 74)

Dado o exposto, a análise argumentativa de Amossy e o modelo dialogal de Plantin fundamentam os modos de gestão da diferença em um debate livre na sala de aula, levando em conta a tomada pública da palavra, os turnos de fala e as estratégias e procedimentos de produção dos discursos, contribuindo de forma democrática para a formação da autonomia dos discentes.



A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Ao refletirmos sobre as dimensões ensináveis do debate, além do modelo dialogal de Plantin (2008), tomamos como base as reflexões de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 81 – 108) quanto ao procedimento das sequências didáticas na obra *Gêneros orais e escritos na escola*, em capítulo dedicado à apresentação da SD. O método consiste em uma produção inicial do gênero em estudo por parte dos alunos. Em seguida, após levantamento pelo professor das questões a serem trabalhadas, são preparadas aulas em módulos com vistas ao atendimento das necessidades de aprendizagem dos discentes. Por fim, é realizada uma produção final.

Esquema 1: Etapas da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 83)

Como estratégia procedimental, a sequência didática auxilia os alunos a dominar um gênero discursivo específico. Em sua obra *Gêneros orais e escritos na escola*, em outro capítulo, dedicado aos gêneros escolares, Dolz e Schneuwly atendem ao nosso propósito quanto à concepção do debate como uma construção coletiva do saber em que é possível ampliar os pontos de vista:

O debate aparece, assim, como a construção conjunta de uma resposta complexa à questão, como instrumento de reflexão que permite a cada debatedor (e a cada ouvinte) precisar e modificar sua posição inicial; essa modificação é realizada, essencialmente, pela escuta, pela consideração e pela integração do discurso do outro; cada argumento, cada exemplo, o sentido de cada palavra transformam-se, continuamente, pelo fato de serem confrontados aos dos outros debatedores, pelo fato de que cada um está, continuamente, situando-se em relação às outras intervenções (Ibid, 2004, p. 72)

Também nos amparamos em outro capítulo do livro, *Relato da elaboração de uma sequência: O debate público*, escrito por Dolz, Schneuwly e Pietro. Conforme os autores, pontuamos que o tema do debate deve ser tanto interessante para a turma, quanto passível de controvérsia, a fim de que suscite opiniões diferentes.

Da mesma forma, não deve ser complexo demais, de modo que os alunos não tenham domínio, nem demasiadamente simples, de modo que não possibilite aprofundamento. O tema escolhido deve permitir o progresso real dos alunos em termos de produção argumentativa. Então, é preciso que o tema tenha “[...] uma certa complexidade para permitir um real aprofundamento das tomadas de posição e um enriquecimento dos argumentos convocados.” (DOLZ, SCHNEUWLY, PIETRO, 2004, p. 226)

Além disso, é preciso, fazer com que os alunos compreendam o discurso como um evento de linguagem em pleno uso, pois “mesmo que o debate não vise a uma ação imediata, parece bom que o tema escolhido corresponda a um contexto real e se inscreva num campo em que o aluno sinta que pode ser levado a intervir.” (*Ibid*, p. 225)

Portanto, nossa sequência didática está organizada em seis etapas. Na primeira, fizemos um questionário, para que possamos averiguar quais são os temas de interesse dos alunos e como eles se veem em espaços de tomada pública da palavra. Tal questionário pode ser modificado e adaptado por outros profissionais para melhor atender às suas demandas. Na segunda etapa, como estratégia inicial do exercício da argumentação oral, propomos a apresentação de um comentário crítico a partir da leitura individual de uma obra literária infanto-juvenil. Na terceira etapa, propomos a produção inicial do debate livre. Na quarta, há a exibição de uma palestra com vistas à análise discursiva da produção argumentativa oral do comediante Murilo Gun. A atividade visa estimular nos alunos a produção de argumentos em torno da temática da aprendizagem e o papel da escola. Na quinta, colocamos em prática a produção do discurso argumentativo por meio do modelo dialógico de Plantin (2008). E, por último, na sexta etapa, propomos a produção final.

Sendo assim, as temáticas das atividades giram em torno da pertinência da frequência escolar e seus desdobramentos na educação, pois vimos que tal assunto aguça o interesse dos estudantes, além permitir-lhes explorar os argumentos e pontos de vistas próprios, como também as suas vivências pessoais.

Ademais, os módulos propostos neste trabalho podem ser usados pelos professores de maneira adaptada às suas realidades docentes. Por se tratarem de atividades voltadas à argumentação e às práticas linguísticas, é possível que sejam aproveitadas em objetivos de ensino de outros gêneros discursivos.

PÚBLICO-ALVO:

Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II.

AS AULAS

Nossa sequência didática está organizada em 13 aulas, conforme cronograma abaixo:

QUADRO I – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

QUANTIDADE DE AULAS	ETAPAS
1	1ª. Questionário – Pesquisa de interesses.
3	2ª. Produção de comentário crítico.
3	3ª. Produção inicial do debate livre.
3	4ª. Módulo 1: A Argumentação.
2	5ª. Módulo 2: A produção do discurso argumentativo.
1	6ª. A produção final.

Fonte: A Autora (2023)

1ª ETAPA: Questionário – pesquisa de interesses.

Conteúdo: Aplicação do questionário.

Objetivos: Identificar os assuntos de interesse dos alunos.

Tempo estimado: Uma aula de 50 minutos.

Recurso: Xerocópias.

Avaliação: Mensurar as respostas dadas a fim de elaborar o planejamento da proposta de debate.

1ª aula: Aplicação do questionário.

Professor (a), o questionário visa entender o que pensam os alunos: acerca de si mesmos, como julgam sua própria habilidade de falar em público, acerca das atividades de oralidade em sala de aula e acerca de assuntos de seu interesse.

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Turma: _____

Data: _____

Prezado(a) aluno(a),

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo.

O objetivo é que você manifeste o seu interesse pelas temáticas abaixo, a fim de auxiliar a professora a elaborar uma proposta que seja pertinente à sua turma. Portanto, responda com atenção e responsabilidade, sendo o mais verdadeiro(a) possível.

1) Como você definiria a sua habilidade de falar para o público?

- () Tenho facilidade.
- () Tenho um pouco de dificuldade, mas falaria se fosse solicitado.
- () Tenho muita dificuldade e evitaria falar em público.

2) Você costuma falar na produção de stories do Instagram?

- () Sim, falo com frequência produzindo stories no Instagram.
- () Tenho um pouco de vergonha, mas, às vezes, falo nos stories do Instagram.
- () Não faço stories no Instagram, justamente porque não falaria para outras pessoas.
- () Não tenho celular/internet.

3) Quando você precisa defender seu ponto de vista perante outras pessoas, você:

Expõe suas ideias com facilidade, pois não tem vergonha de falar com os outros.

Expõe suas ideias com dificuldade, pois não consegue dizer/articular tudo aquilo que está pensando.

Não expõe suas ideias, porque não se sente apto a dizer o que pensa.

4) O que você pensa acerca das atividades de apresentação oral perante a turma (apresentar trabalhos, seminários, debates)?

Importante, porque precisarei, um dia, falar na frente de outras pessoas no ambiente profissional.

Pouco importante, porque no ambiente profissional falarei pouco na frente de outras pessoas.

Desnecessário, porque nunca falarei na frente de outras pessoas no ambiente profissional.

5) Quando a professora propõe atividades de apresentação oral (resposta de atividades, exposição de uma opinião, seminário, debate, etc), você:

Gosta de participar e sente-se à vontade para falar perante a turma.

Gosta de participar apenas ouvindo e não gosta de expor as suas ideias.

Não gosta desse tipo de atividade.

6) Selecione, das temáticas abaixo, uma que seja do seu interesse:

Comentários publicados nas mídias sociais devem ser protegidos pela liberdade de expressão?

Todos os pais devem ser obrigados a frequentar aulas de parentalidade antes de ter um filho?

As escolas devem punir o cyberbullying que acontece fora do espaço escolar?

Assédio entre alunos deve ser punido com expulsão?

Os alunos devem ser proibidos de usar o celular em sala de aula?

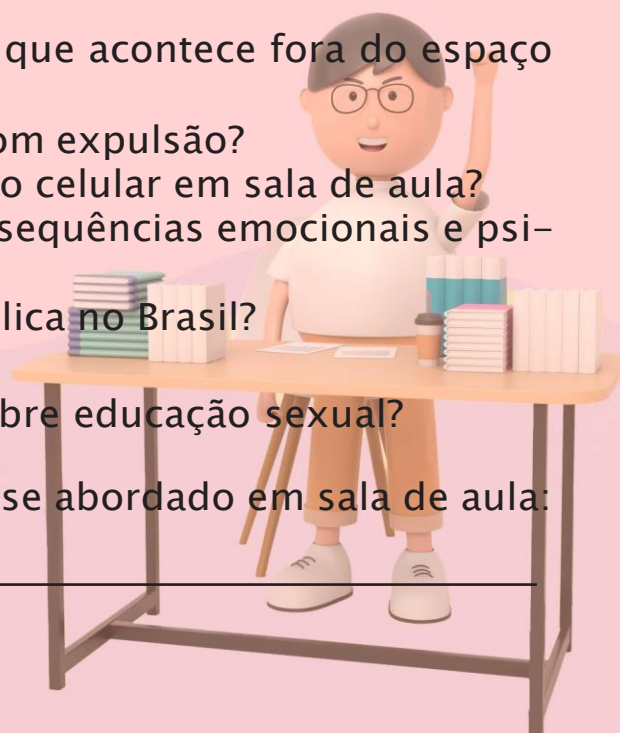
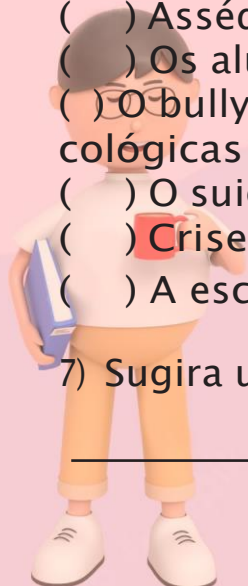
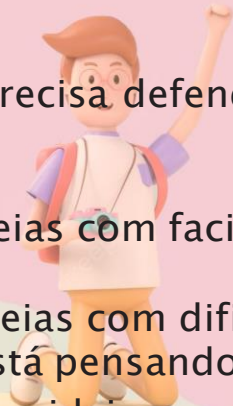
O bullying praticado nas escolas traz consequências emocionais e psicológicas para os alunos?

O suicídio é um problema de saúde pública no Brasil?

Crise de ansiedade é frescura?

A escola deveria promover palestras sobre educação sexual?

7) Sugira um tema que você gostaria que fosse abordado em sala de aula:



2ª ETAPA: Apresentação oral de um comentário crítico.

Professor(a), antes de iniciarmos a sequência com o debate livre, convém que façamos previamente uma atividade de produção oral com os alunos, a fim de que eles comecem a se familiarizar com a tomada da palavra frente a outras pessoas. É provável que muitos alunos, no 8º ano do ensino fundamental, ainda não tenham tido oportunidades de apresentar trabalhos em classe. Logo, para muitos, pode ser um momento de tensão e estresse, em razão da timidez e das poucas propostas de exercício do texto oral em sala.

Assim, sugerimos a realização de leitura de livros com posterior produção de um comentário crítico. Essa etapa é também uma maneira de verificarmos como eles se saem em uma situação de tomada pública da palavra, ou seja, funciona como uma forma de avaliação diagnóstica.

Conteúdo: Apresentação de um comentário crítico.

Objetivos: Promover espaço de diálogo e apresentação oral.

Avaliar as dificuldades prévias em relação ao exercício da oralidade.

Produção de um comentário crítico, a fim de apoiar a apresentação.

Tempo estimado: Três aulas de 50 minutos cada.

Recurso: livros infanto-juvenis.

Avaliação: Verificar como os alunos produzem o texto oral em uma situação de tomada pública da palavra.

• 1ª aula: Ida à biblioteca escolar.

Na biblioteca da escola, o(a) professor(a) orientará os alunos quanto à escolha de um livro para leitura individual. O docente deverá indicar onde ficam a sinopse do livro, o sumário, informações sobre o autor da obra, leitura da contracapa e das orelhas. Essa abordagem inicial mostrará aos estudantes como escolher uma obra de seu interesse.

Sugerimos deixar os alunos levarem os livros para casa. Eles terão quinze dias para realizar a leitura. Após esse período, será agendada pelo(a) professor(a) o momento de compartilhamento das leituras e dos comentários.

• 2ª aula: Orientação quanto à produção de um comentário crítico.

Professor(a), com auxílio do quadro, escreva para os alunos os itens a serem mencionados na apresentação oral. Tais itens podem compor o comentário crítico e, conseqüentemente, farão parte da apresentação oral.

Escola: _____

Data: _____

Nome do aluno: _____

Título do Livro: _____

Nome do autor: _____

Identifique o personagem principal (protagonista), os secundários e, se houver, os vilões (antagonistas).

- 1) Quem são os personagens da história?
- 2) Há algo que eles fizeram ou algo que aconteceu com eles que te incomodou? Por quê?

Conte como a trama se desenvolve.

- 3) Como se deram as circunstâncias do enredo?
Houve quebra de expectativa ou alguma surpresa? Qual sua opinião a respeito disso?
- 4) Para você, o(a) narrador(a) conduziu bem a história? Explique os motivos.

Aproveite para citar as razões que te levaram a escolher essa obra.

- 5) Você recomendaria a leitura desse livro?
Explique os motivos.

Os alunos também poderão pesquisar os autores em sites para acrescentar no comentário crítico. Destacamos que isso é opcional. O importante é verificar como os estudantes produzem seus argumentos sobre a narrativa lida.

Vale lembrar que os discentes devem ser informados de que as perguntas são pontos orientadores da produção do comentário e não podem ser respondidas como se fossem um questionário. Ou seja, os alunos devem valer-se das perguntas para a escrita do gênero textual-discursivo comentário crítico.

• 3ª aula: Apresentação oral do comentário crítico.

Professor(a), com as carteiras dispostas em formato de círculo, vamos iniciar as apresentações. Se preferir, como forma de aproximação, mostre seu livro lido e faça a sua apresentação destacando seus argumentos em seu comentário crítico.

Os alunos irão apresentar os livros escolhidos e poderão usar o comentário crítico escrito como base para o que vai ser falado.

Professor(a), nesse momento, é feita a avaliação. Como os estudantes se saíram nessa apresentação? Sentiram-se seguros em falar perante os colegas? Houve necessidade de recorrer ao texto escrito? Os alunos conseguiram falar a maior parte por conta própria ou leram o texto? Houve, nas falas, marcas de produção de um discurso próprio?

Essa atividade também tem por objetivo averiguar como os alunos desenvolvem a argumentação e defendem um posicionamento discursivo. Ou seja, também visa diagnosticar o quanto eles já dominam de argumentação.



3º ETAPA: Produção inicial de um debate livre.

Professor(a), a partir desta aula, coloque em prática o modelo dialogal de Plantin (2008, p. 63-66), o qual consiste na proposição de uma Pergunta para, a partir dela, formarem-se dois pontos de vista opostos. O Proponente, a partir da Pergunta, formula o seu discurso argumentativo. O Oponente, também a partir da Pergunta, enuncia um discurso contrário. Ambos, Proponente e Oponente, defendem seus discursos argumentativos com vistas à adesão do outro. (PLANTIN, 2008, p. 63-66)

Portanto, a partir de uma pergunta, trace os papéis de Proponente e Oponente com vistas à construção, pelos alunos, de seus discursos argumentativos.

Inicie a aula explicando aos alunos que irá ser lido um artigo de opinião escrito por Eduardo Jablonski e publicado na coluna de opinião do site gauchazh.clicrbs.com.br. Explique também que o ponto de vista do autor é condizente com seu lugar social, um professor de ensino médio, e que tal lugar de fala apresenta as experiências e as ideologias construídas na vivência desse sujeito.

Objetivos: Praticar o modelo dialogal de argumentação.

Tempo estimado: 3 aulas de 50 minutos.

Recurso: xerocópias, lápis, borracha e caderno.

Avaliação: Avaliação da produção inicial.

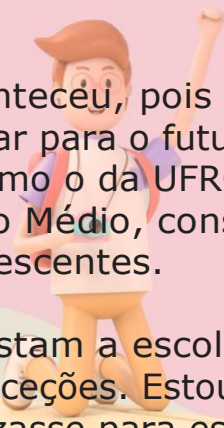
• 1ª Aula: Leitura do artigo de opinião e organização das equipes.



Por Eduardo Jablonski, professor

Por esses dias, aconteceu um fato diferente que surpreendeu um senhor que entrou na minha sala de aula de uma turma de 1º ano de Ensino Médio em uma cidade do Interior. Ele expôs aos alunos o projeto da sua empresa que oferece aulas online sobre todas as matérias que caem no Enem, com dicas, resumos, aulas de vídeo e ajuda de professores 24 horas por dia conectados, mas ele se espantou porque ninguém quis. Aí, o senhor perguntou: "Ninguém está pensando em se preparar para o futuro? Ninguém está querendo conseguir uma faculdade de graça pelo ProUni?". Os alunos não responderam e, quando o senhor deixou a sala, começaram a rir.

Cinco anos atrás, quando eu dava aula somente no meio universitário, acharia



absurdo o que aconteceu, pois me parece óbvio que uma pessoa inteligente deveria se programar para o futuro, se preparar para o Enem ou para um vestibular importante como o da UFRGS. Agora que tenho cinco anos também como professor de Ensino Médio, consigo mais ou menos entender o que passa na cabecinha dos adolescentes.

Primeiro, eles detestam a escola e acham que o estudo não serve para nada (salvo raríssimas exceções. Estou falando da grande maioria). É improvável que um aluno se organizasse para estudar ao longo do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio para fazer o Enem ou o vestibular da UFRGS. Isso nem passa pela cabeça deles. Os juvenzinhos vivem o agora, curtem os videozinhos para dar risinhos, as azarações, as competições esportivas da escola.

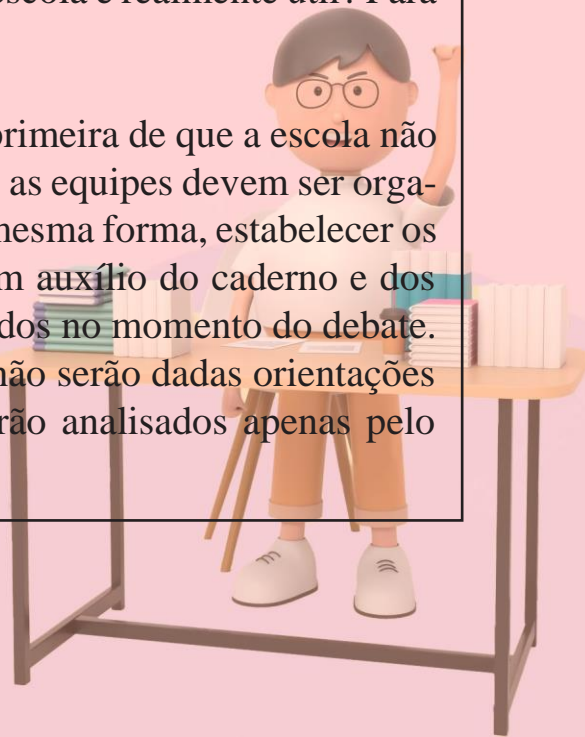
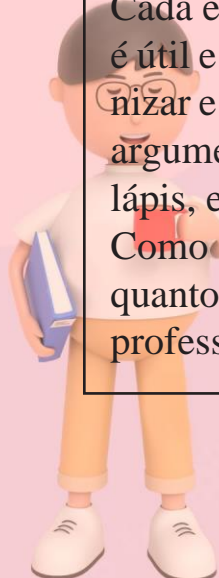
No primeiro ano do Ensino Médio, 70% até fazem o que o professor pede e dão atenção à aula. No segundo ano, essa realidade cai para uns 50% ou 40%; no terceiro, para 10%, se tanto. Deveria ser o contrário. Quando nos aproximamos do Enem ou do vestibular da UFRGS, deveríamos nos dedicar, mas isso não acontece. Os formandos do Ensino Médio são os piores. Alguns só se lembram de estudar uma semana antes das provas ou talvez nem isso.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2018/10/a-maioria-dos-jovens-detesta-a-escola-e-acha-que-o-estudo-nao-serve-para-na-da-cjndlq0yv05vk01pieptp4jtz.html>. Adaptado em 26/02/2023.

Professor(a), uma vez lido o artigo, pergunte à turma quais impressões eles tiveram do texto. Em seguida, peça aos alunos que concordam com o posicionamento do autor para formarem uma equipe. Aqueles que discordam, mesmo que parcialmente, devem formar outra equipe. Em cada uma, deve haver um(a) representante que irá falar para toda a turma.

A seguir, escreva a seguinte pergunta no quadro: A escola é realmente útil? Para que estou nela?

Cada equipe deverá adotar um posicionamento: A primeira de que a escola não é útil e a segunda de que a escola é útil. Em seguida, as equipes devem ser organizar e discutir internamente a questão. Devem, da mesma forma, estabelecer os argumentos para convencer a equipe contrária. Com auxílio do caderno e dos lápis, eles irão registrar os argumentos a serem falados no momento do debate. Como se trata da produção inicial do debate livre, não serão dadas orientações quanto à formulação dos argumentos, os quais serão analisados apenas pelo professor no momento de avaliação.



• 2ª aula: Realização do debate livre e avaliação.

Antes de iniciar efetivamente a aula, professor(a), peça a dois alunos, um de cada equipe, para gravar a aula com especial atenção para a fala dos representantes. Essa gravação é simples de ser feita com o uso do celular.

Coloque novamente no quadro a Pergunta: A escola é realmente útil? Para que estou nela?

Explique às equipes que cada representante tem o seu turno discursivo e que deverão falar conforme essa dinâmica. O professor será o mediador e os integrantes das equipes serão o auditório visado.

Com auxílio dos argumentos registrados nos cadernos, os representantes irão enunciar seus discursos argumentativos.

Professor(a), ao término da aula, pegue as gravações com alunos. A avaliação da produção inicial pode ter como critérios os seguintes pontos:

- Os alunos se colocaram na posição de adolescentes que enunciam sua opinião sobre determinado tema?
- Houve a reprodução de um discurso escolar ou familiar que constituísse os enunciados argumentativos?
- Eles criaram estratégias de aproximação, com intuito de convencer os participantes da equipe oposta?
- Qual foi a imagem que os representantes das equipes projetaram de si?
- Seus discursos se mostraram fundamentados em princípios de liberdade de expressão e de articulação democrática das ideias?
- Houve, em algum momento, assalto ao turno do outro?
- O discurso tem um tom persuasivo, isto é, busca conquistar a adesão dos interlocutores?
- Os argumentos trouxeram fatos, exemplos e vozes de autoridade para sustentar uma tese?
- O nível de linguagem usado estava de acordo com a prática da tomada pública da palavra própria do gênero textual-discursivo debate livre?

• 3ª aula: Exibição do debate livre gravado aos alunos.

Professor, explique aos alunos que esta aula é exclusivamente dedicada à reprodução do debate inicial. Peça aos que prestem atenção e, ao final da exibição, converse acerca dos posicionamentos que eles tiveram durante o debate, das dificuldades ou facilidades em expor as opiniões publicamente e da relação com a expressão da própria

A exibição da gravação para os alunos pode ser feita por meio do data-show. Tal ação visa conversar com a turma acerca dos argumentos construídos e dos comportamentos democráticos necessários no convívio coletivo, incluindo respeito ao turno discursivo e atitudes de respeito ao próximo. A gravação também é um documento didático que visa nortear a produção dos módulos que se seguirão.

4ª ETAPA: A Argumentação.

Conteúdo: A Argumentação como prática social de linguagem.

Objetivos: Compreender o conceito de argumentação.

Perceber a argumentação como constituinte dos discursos que circulam em sociedade.

Tempo estimado: Três aulas de 50 minutos cada.

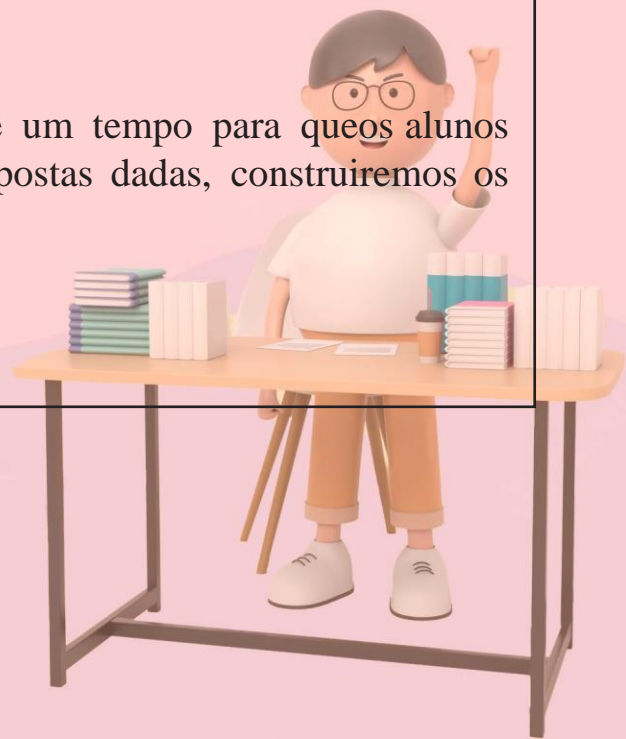
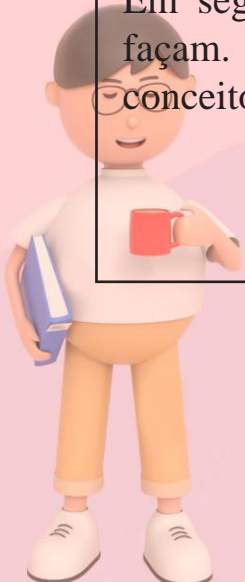
Recurso: Quadro branco, data-show e xerocópias.

Avaliação: Explorar as habilidades interpretativas dos alunos, a fim de verificar os sentidos veiculados nos enunciados.

• 1ª aula: Apresentação de um discurso argumentativo.

Professora(a), a partir de agora, nós entraremos nos módulos da sequência didática. O primeiro será sobre a argumentação. Inicie a aula informando os alunos de que iremos assistir a um Ted Talk, chamado “Escolas matam a aprendizagem”, exibido no Youtube. O vídeo dura quinze minutos e quarenta e nove segundos. Ted Talk são palestras voltadas para tecnologia, entretenimento e design. Após assisti-la, converse com os alunos sobre a temática e sobre as impressões que eles tiveram da palestra.

Em seguida, responderemos às perguntas. Dê um tempo para que os alunos façam. Na aula seguinte, considerando as respostas dadas, construiremos os conceitos conjuntamente.



Vídeo 1: Escolas matam a aprendizagem - Murilo Gun



Fonte: GUN, Murilo. Escolas matam a aprendizagem. Youtube, 9 de nov. de 2016.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WauIURFTpEc>. Acesso em 18 mar. 2023

Professora(a), entregue aos alunos a atividade xerocopiada. A transcrição do vídeo e as perguntas estão na atividade. Se necessário, disponibilize outra aula para que os alunos possam terminar a tarefa.

Você lerá, a seguir, a transcrição do Ted Talk “Escolas matam a aprendizagem”, apresentado por Murilo Gun. As Ted Talks são palestras curtas que se propõem a compartilhar ideias interessantes e atrativas para os ouvintes.

Escolas matam a aprendizagem

Eu sou Murilo Gun. Eu sou comediante, palestrante, professor de criatividade, cover do Wesley Safadão e eu queria falar sobre três coisas. Eu queria falar sobre esteira rolante, eu queria falar sobre o cinto do Batman e eu queria falar sobre a cauda lon-ga. Só que, antes de falar sobre as três coisas, eu queria fazer uma pesquisa rápida e importante, só para ver o perfil das pessoas aqui. Levanta a mão rapidinho quem aqui já terminou os estudos e já está no mercado de trabalho. Deixa eu contar rapidinho. Espera aí. Setenta e dois por cento. Ok. É... por que eu perguntei isso?

Eu acho muito interessante essa expressão “terminar os estudos”. Faz parte do nosso dia a dia, né? A gente fala: “Ah, terminou os estudos”, “Eu vou terminar...” Terminar os estudos é um conceito que varia de cada realidade. Pra algumas pessoas, terminar os estudos é acabar o colégio. Pra outros, é acabar a faculdade; pra outros, é acabar pós, mestrado e tal; mas, independente de realidade, o que me incomoda nesse conceito é a premissa de que os estudos terminam. Quem disse que os estudos terminam?

Essa é uma premissa em que a gente foi domesticado a acreditar, porque a gente aprendeu que a vida tem duas etapas: primeiro, a gente estuda; depois, a gente trabalha. Duas décadas estudando, quatro décadas trabalhando. A gente estuda pra se preparar para o mercado de trabalho. Aí, termina os estudos e vai encarar o mercado de trabalho. O problema dessa lógica é que o mercado pro qual a gente se preparou é diferente do mercado que a gente vai encarar. Por quê? Pelo motivo óbvio que o mundo tá mudando muito rápido e, cada vez mais, acelerando. O que a gente estudou ontem muitas vezes não serve pra amanhã.

Isso se conecta com o primeiro assunto que quero falar: esteira rolante. Imagina o seguinte, bicho, imagina que o mundo é uma esteira rolante. A esteira tá rolando “caporra” lá e você tem que encarar essa esteira, chegar nessa esteira e encarar. Se você chega na esteira, entra nela e não faz nada, vai pra trás, a bicha te leva pra trás. É um moonwalk pra trás, né? O moonwalk é um negócio escroto, porque quem disse que o moonwalk é ir pra trás, né? Moonwalk era pra ser andar assim... (risos do auditório) É assim que se anda na lua. Mas, se você entra na esteira do mundo e anda na mesma velocidade dela, você para no canto. Tem que andar mais rápido que o mundo pra poder evoluir.

Lembra na aula de física? A gente estudou velocidade é Δs sobre Δt . É a variação de espaço sobre a variação de tempo, pois a fórmula da evolução é a variação de aprendizagem sobre a variação de mudança do mundo. Se o seu ritmo de aprendizagem for igual ou inferior ao ritmo de mudança do mundo, você está involuindo, concorda?

Quem não lembra dessa fórmula da velocidade talvez seja porque estudou ela, mas não aprendeu, por que é diferente, né? A gente confunde. Eu vou até deixar essa fórmula no cantinho ali porque depois eu vou falar dela, depois eu volto com ela.

Agora, qual é a dificuldade de evoluir no mundo atual, de evoluir nessa esteira? A dificuldade é: muita informação, papai. É uma loucura. A gente fica louco com a quantidade de informação que chega. Toda hora chegando e tal. A informação é abundante. Antes, a informação era escassa. A gente queria informação e era complicado ter. Você queria uma informação visual, tipo, mulher nua, aí você tinha que ir na banca de revista pegar essa informação pra ver um peitinho. Hoje em dia, o peitinho tá acessível na internet. Você vai lá e vê um peitinho a hora que você quer. Hoje em dia você nem precisa entrar no peitinho, ele vem até você pelo whatsapp. (Risos da plateia) Você está com a sua mãe jantando e vem uma teta na sua cara. Pá! (Risos do auditório) Informação abundante, qualquer tipo de informação. E, aí, vem a questão: como, então, lidar com essa esteira rolante cheia de informação, o mundo mudando? Como a gente correr? Como faz? E aí eu tenho uma dica pra dar de como lidar com esse, né, overload de informação que é: eleja os seus curadores. O que é um curador? Curador é uma pessoa ou entidade cujo negócio é informação. Então, você é médico, engenheiro e tal... pois tem gente que o negócio é informação. O cara vive de filtrar, de curar a informação pra que você que é médico, engenheiro, seja o que for, não perca tempo com isso. Ele faz isso pra você. Então, o curador pode ser uma editora de livros, pode ser um blogueiro, um professor, uma escola. E, aí, eu tenho os meus curadores, e eu sempre penso nos meus curadores como se fossem os

conselheiros da minha empresa, Eu S/A. Imagine o conselho duma empresa e que, no meu conselho, eu tenho lá a escola Perestroika, eu tenho a revista Wired, eu tenho o podcast Optimize, eu tenho o professor Portela, eu tenho o blog Porvir, e o bom do nosso conselho é que a gente nem precisa falar pras pessoas que elas estão no nosso conselho. A gente bota e acabou-se. A gente bota e também demite: “sai, papai, tá falando merda, sai”, né? No conselho, eu faço o que quiser. Aí vem a pergunta: “Tá, e como eu faço pra eleger quem vai fazer parte do meu conselho, né? Como eu defino isso aí?” é aí que entra a segunda parada que eu queria falar, que é o cinto do Batman. Eu acho o Batman muito massa, porque o Batman é um dos poucos super-heróis que não têm um superpoder. Quer dizer, ele é rico, né? É um poder. Fora isso... o Batman tem uma coisa massa, ele tem um cinto de utilidades. E o cinto do Batman ele tem várias ferramentzinhas e cada ferramenta do cinto do Batman serve pra milhões de coisas. São ferramentas bem genéricas que servem pra milhões de coisas. E eu acho que, desde adolescente, eu sempre fui muito focado em desenvolver habilidade genérica, que eu sempre chamei de “habilidade cinto do Batman”. Eu fazia, com 16 anos, curso de oratória, negociação, leitura dinâmica, memorização, que são habilidades que todo ser humano tinha que desenvolver, independente de profissão e, como não sabia qual era meu caminho ainda, eu focava em meter coisas no meu cinto de utilidades, seja o que fosse. O problema é que a gente, nos nossos 20 anos de escola, a gente não aprende isso, né? A gente só aprende informação e informação, o que fazia muito sentido, antes da era da informação, a informação não era abundante, mas agora começou a perder um pouco de sentido decorar um monte de coisas, em vez desenvolver habilidades. A gente passa muito tempo aprendendo fórmula de Bháskara, que poucas pessoas vão vir a utilizar, né? A fórmula de Bháskara, pelo que eu entendo, a única função dela é você poder ajudar seu filho na tarefa de casa em fórmula de Bháskara. É um loop infinito de fórmula de Bháskara na sua vida. (Risos do auditório) A gente precisava menos de fórmula de Bháskara e mais habilidades cinto do Batman: empatia, oratória, né, criatividade.

E é interessante que a escola, ela tem esse modelo industrial, né, focado em dar informação. É bem industrial. É industrial e a criança é o produto que fica na esteira. A criança vai na esteira, primeira série, recebe o conteúdo, segunda série, outro conteúdo, terceira série, outro conteúdo. Todos recebem o mesmo conteúdo, na mesma velocidade, no mesmo ritmo e são testados iguaizinhos nessa esteira. E aí, recebe um monte de informação que, na era da informação, está abundante e não desenvolvem o cinto do Batman. Já percebeu que a escola, ela parece uma indústria, um presídio, um quartel, uma prisão? Já percebeu? É um lugar, as pessoas acordam cedo, muros altos, todo mundo fardado, entram em salas ou celas, onde ficam obedientes. Pra fazer xixi, tem que levantar a mão, até que toca um sinal e elas podem ir no pátio tomar um sol e comer um lanche. Isso é uma escola, é um presídio, é um quartel, é uma indústria. Todos funcionam no mesmo padrão.

E, pra o cinto do Batman, pra você eleger que habilidades têm que tá nesse cinto do Batman, eu tenho uma técnica muito simples: basicamente, tudo que a escola não ensina. A escola é muito focada num tipo de inteligência, a inteligência lógico-matemática, né? Sempre obcecados demais com isso. Por quê? Era o necessário no modelo industrial lógico-matemático. Só que, no mundo de hoje, de

softwares, de tecnologia, de inteligência artificial, a lógica e a matemática, as máquinas tão fazendo talvez melhor do que a gente. E, aí, a gente fica se importando em desenvolver outras inteligências. Tem uma teoria, das múltiplas inteligências de Howard Gardner, que vale a pena pesquisar. Eu não vou falar elas aqui, porque tem um site incrível que explica todas elas. É o Google, tem tudo direitinho lá. (Risos do auditório) E, no Google, também você pode ter acesso ao terceiro ponto que eu queria falar: a cauda longa. Cauda longa é uma teoria do Chris Anderson. Ele foi ex-diretor da revista Wired que, por sinal, tá no meu conselho também a revista Wired. A cauda longa é o seguinte, o conceito é: no mundo offline, no mundo físico, a gente tinha as limitações físicas em relação à quantidade de produtos. Então, por exemplo, uma livraria, no mundo físico, ela tem X prateleiras, cabe poucos milhares de livros. Portanto, eles têm que escolher quais os poucos livros que têm maior popularidade, ou seja, aquela parte vermelha da cauda, poucos produtos com alta popularidade que vale a pena ocupar a prateleira. No mundo online, sem limitação física, uma livraria online, ela pode ter milhões e milhões de livros, mesmo que eles vendam uma unidade por ano. Aí vem a parte verde da cauda longa. É uma cauda super, hiper longa, apesar de ser, de não ser muito alta, ela é super longa e talvez a área, se fosse calculada, essa cauda longa, fosse maior do que a cabeça da cauda vermelha. Que que isso tem a ver com o que eu tô falando? Nós estamos na cauda longa do conhecimento. Antes, a gente tinha uma limitação física de acesso ao conhecimento. Apenas os produtos de conhecimento de alta popularidade tinha na sua cidade. Então, um curso de inglês em todo lugar tem. Por quê? É um produto de alta popularidade. Os assuntos cinto do Batman, os assuntos cauda longa específicos não estavam disponíveis em função da limitação física da nossa cidade e, agora, com a internet está, tudo está disponível. E o melhor: não só disponível, mas com o melhor professor do mundo. A gente não tem que se limitar mais ao melhor professor do seu bairro, da sua cidade, pode ter o melhor professor do mundo através da cauda longa.

Ou seja, a mesma tecnologia que acelera o mundo, que faz o bicho moer “caporra” lá, a esteira, ela também potencializa a aprendizagem, ou seja, o delta mundo tá evoluindo, mas o delta A também pode evoluir, né? Então, em relação à cauda longa, como aproveitar essa oportunidade que a cauda longa traz? Basicamente, a gente tem que reaprender a ser autodidata. Por que reaprender? Porque, velho, a gente nasce extremamente autodidata. Eu tenho uma filha pequena, Maria exploradora. Ela é, ela é autodidata, ela tá tudo, tudo toda hora. A gente era assim, obcecado em aprender, uma sede louca por aprender. Com o tempo, a gente vai aprendendo essa sede, essa vontade de aprender. O Ted Talk mais visto do mundo é o do Ken Robinson, né? “Escolas matam a criatividade”. E eu acredito que as escolas também matam a aprendizagem. As escolas, elas nos traumatizam em relação a aprender. Por quê? Porque nós passamos quase duas décadas aprendendo na base da coerção, na base do medo, na base da obrigação, sem prazer. Aprender tem que ser um prazer, deveria ser um prazer, um prazer inerente ao ser humano, mas que a gente vai traumatizando em função de anos e anos de experiências traumáticas em relação a aprender.

Então, voltando àquela fórmula, delta A sobre delta M, esse delta A tá prejudicado bastante, porque se acostumou a não ser aprendedor e sim a ser apenas estudante. Estudante é uma coisa que não necessariamente transforma. Você pode estudar, estudar, estudar, mas não aprender nada. A gente tem que ser

aprendedor. E a gente não é por quê? Porque a gente frequenta instituições de ensino e não instituições de aprendizagem, o que faria muito mais sentido.

Então, as três coisas que vim compartilhar aqui hoje basicamente é: nós vivemos numa esteira rolante, o mundo moendo “caporra”. E a gente tem que encarar essa bicha e andar num ritmo de aprendizagem maior do que o ritmo de evolução do mundo. Minha sugestão pra isso: eleger curadores, pessoas cujo negócio seja conteúdo e informação, que possam curar pra você, e você não enlouquecer nessa overdose de informação que o mundo oferece. Depois, o que desenvolver? Habilidades cinto do Batman, basicamente, a maioria das coisas que a escola não oferece. Habilidades genéricas aplicáveis a tudo que é coisa da vida: gestão de emoções, gestão do tempo, meditação, produtividade, criatividade, empatia, negociação. Nada disso a gente aprende na escola. Na escola, a gente aprende as respostas para os problemas, mas não aprende a arte de resolver problemas, o que é muito mais genérico e aplicável do que saber respostas prontas, né? Na escola tem lá o problema de matemática: um pedreiro constrói uma casa em trinta dias. Em quanto tempo dois pedreiros constroem a mesma casa? Eles esperam qual resposta? Metade, 15 dias. Eu podia responder dois meses. Por quê? Vão ficar conversando, perde em produtividade. (Risos do auditório) Essa é uma resposta certa também, que deveria ser aceita, mas não é. É até mais criativa. Uma pessoa come um saco de pipoca em trinta minutos. Em quanto tempo duas pessoas comem o mesmo saco de pipoca? Qual é a resposta que eles esperam? Metade, 15 minutos. E eu podia responder cinco minutos. Por quê? Vai aumentar a velocidade média de pegar pipoca. Por quê? Tem concorrente agora, papai. Agilizar. (Risos do auditório) Foda-se que é sua mãe. Agiliza, porra, senão não tem pipoca não. (Risos do auditório) Isso devia ser considerado, mas eles são muito obcecados por respostas e não em entender a arte de resolver problemas. E pra aproveitar a grande oportunidade da cauda longa, nós temos que reaprender a ser autodidatas. Ser autodidata é ser protagonista da sua aprendizagem, é tomar as rédeas da sua aprendizagem e você decidir o que você quer aprender, de acordo com o seu prazer, pra você aprender no seu ritmo. E, antigamente, ser autodidata era algo isolado. Você ficava sozinho como autodidata. Hoje em dia, você pode, pela internet, estar estudando sozinho autodidata e coletivo ao mesmo tempo, conectado com um monte de pessoas.

Bem, pra terminar, eu queria fazer uma pergunta. Levanta a mão quem já terminou os estudos. O quanto a gente sabe hoje em dia é menos importante do quanto a gente está aprendendo, porque saber é uma condição estática e o mundo é muito louco, papai. A gente tem que continuar aprendendo. Como diria tio Johny, keep wking, keep learning. Muito obrigado, valeu. (Aplausos do auditório)

A emissão de opiniões acerca dos fatos que nos rodeiam é bastante comum, seja no dia a dia, seja em programas televisivos, nas redes sociais ou em canais do youtube. Argumentar é uma atividade humana. A seguir, você encontrará algumas perguntas que têm por objetivo entender melhor o posicionamento adotado pelo autor do Ted Talk, Murilo Gun.

1. Ao apresentar-se, quais são os títulos sociais que o palestrante confere a si próprio?

2. Esses títulos permitem-lhe valer-se de certos recursos linguísticos e discursivos ao construir os seus argumentos. Quais estratégias o orador usa para aproximar-se do seu auditório?
3. Quais vocábulos o orador usa para incluir o auditório em seu discurso?
4. Quais são os tópicos discursivos que o orador se propõe a desenvolver no início de sua fala?
5. O título da palestra é “Escolas matam a aprendizagem”. Qual é o argumento associado à esteira rolante que serve de base para a defesa da tese?
6. O orador se vale da metáfora da esteira rolante para demonstrar a dificuldade de se evoluir no mundo atual. O que, na perspectiva do orador, faz a escola estar ultrapassada?
7. Na sua opinião, esse argumento é capaz de conseguir a aceitação do auditório? Por quê?
8. Qual comportamento do auditório nos dá indício de que há concordância por parte dos ouvintes?
9. De que maneira a menção ao “cinto do Batman” funciona como recurso de continuação do discurso argumentativo?
10. De que maneira o cinto do Batman insere-se, para o orador, em uma perspectiva discursiva de aprendizagem relevante?
11. Em dado momento de seu discurso, o orador compara a escola a uma indústria, a um presídio, a um quartel e a uma prisão. Essa comparação está carregada de intencionalidade. Apresente um argumento que se oponha a essa afirmação.
12. De que maneira o terceiro tópico discursivo, a “cauda longa”, funciona como recurso de continuação do discurso argumentativo?
13. Como, em seu discurso, o orador associa a cauda longa ao autodidatismo?
14. De que maneira o orador sustenta o argumento de que nós somos, por natureza, autodidatas?
15. A interdiscursividade com o Ted Talk do Ken Robinson colabora para a defesa da tese de que a escola mata a aprendizagem. Explique de que modo o orador se vale dessa interdiscursividade e toma parte desse discurso para si, a fim de expor seu ponto de vista.
16. Como estratégia de fechamento do seu turno discursivo, o orador retoma os três tópicos citados no início de seu discurso: esteira rolante, cinto do Batman e cauda longa. Isso nos indica que as suas defesas são planejadas previamente para garantir adesão do auditório à sua tese. Além disso, seu lugar de fala está discursivamente autorizado pelos títulos sociais que ele confere a si, o que também autoriza o nível de linguagem usado na palestra. O nível de linguagem e os vocábulos empregados o aproximam do auditório fazendo com que este aceite a imagem do orador. Para finalizar, o autor faz uma afirmação que arremata sua tese. Comente como essa afirmação conclui toda a defesa realizada.

- 2ª aula: Construção dos conceitos.

Professora(a), pergunte à turma o que eles acharam do Ted Talk. Estimule a participação dos alunos questionando se eles concordam ou não com a palestra e quais pontos do discurso do Muriilo Gun eles acharam mais persuasivo. Em seguida, no quadro, vá registrando as respostas da atividade e dialogando com a turma. Enfatize a imagem que o orador projeta de si em seu discurso, a descontração que ele usa para alcançar o auditório e as maneiras como o orador transita os seus argumentos a um acordo socialmente partilhado.

- 3ª aula: Sistematização dos conceitos de argumentação.

Professora(a), coloque no quadro os conceitos, conforme modelo abaixo. Se preferir, transponha-o para slides. Depois, dialogue com a turma acerca dos conceitos. Ressalte que as estratégias argumentativas são variadas e dependerão da tese a ser defendida e do efeito que se procura causar no(s) interlocutor(res).

Argumentar é levar os seus semelhantes a compartilhar de suas perspectivas por meio de estratégias discursivas de convencimento. Por meio de uma fala planejada, apresentamos raciocínios fundamentos que provoquem a adesão do nosso auditório.

A **fala planejada** deve construir um discurso que leve em consideração as crenças e os valores dos interlocutores e deve produzir um raciocínio plausível de ser aceito pelo auditório. O orador busca integrar os valores do auditório aos seus para, assim, conduzir o seu argumento e conseguir a adesão de sua tese. Além disso, deve cuidar da imagem que será projetada do orador para o auditório.

O **orador** é aquele que enuncia o seu discurso com vistas à persuasão dos seus semelhantes.

O **auditório** compõe-se daqueles a quem se pretende influenciar, submetendo-lhes estratégias discursivas de persuasão.

As **estratégias argumentativas** compõem-se de um discurso fundamentado com exemplos e fatos do cotidiano, polifonia, menção a vozes de autoridade, menção a fatos históricos, uso de perguntas retóricas, análise de dados, emprego de comparações e metáforas, etc.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

5ª ETAPA: A produção do discurso argumentativo.

Conteúdo: A Argumentação como prática social de linguagem.
Objetivos: Planejar um discurso argumentativo a partir de uma pergunta.

Produzir estratégias discursivas de convencimento.
Projetar uma imagem de si para o auditório.

Tempo estimado: Duas aulas de 50 minutos cada.

Recurso: Quadro branco, chromebook, cadernos, lápis e borracha.

Avaliação: Verificar como os alunos produzem as estratégias discursivas de persuasão.

- 1ª Aula: Planejamento do discurso argumentativo

Professora(a), nesse módulo, explique aos alunos que eles construirão seus argumentos baseados em uma pergunta. Eles devem pesquisar as informações na internet e planejar a sua fala. Em seguida, os alunos revisarão o que escreveram, a fim de finalizar o planejamento da produção oral. Relembre-os de que produzirão o debate final.

Coloque no quadro a pergunta: "O aluno tem responsabilidade para ser um autodidata? Divida a turma em dois grupos. O primeiro grupo deve escolher seu representante, que escreverá os argumentos que sustentam o enunciado "sim, o aluno tem responsabilidade para ser um autodidata". O segundo grupo também escolherá o seu representante, que defenderá o enunciado "não, o aluno não tem responsabilidade para ser um autodidata".

A seguir, consta uma orientação que pode ser passada no quadro.

"O aluno tem responsabilidade para ser um autodidata?"

Com os chromebooks, façam as pesquisas necessárias para planejar as estratégias discursivas, a fim de convencer o seu auditório acerca do seu ponto de vista.

Lembre-se de propor argumentos aceitáveis pelos interlocutores e de criar mecanismos linguísticos com vistas à aceitação da sua imagem de orador, a fim de conseguir a adesão do auditório. Pense também nos possíveis contra-argumentos que podem ser apresentados pelo Oponente, a fim de antecipar-se às oposições discursivas.

• 2ª Aula: Revisão do texto escrito

Professora(a), coloque no quadro o esquema de revisão abaixo. Os alunos devem avaliar o texto que produziram e, com a ajuda do professor, fazer as correções cabíveis.

- No planejamento do texto, há uma introdução que explicita o lugar de fala do orador?
- Quantos argumentos foram preparados?
- Há citações de autoridade, comparações, metáforas, entre outras estratégias argumentativas?
- Há exemplos ou fatos do cotidiano com os quais o auditório pode se identificar?
- O discurso construído leva em consideração as opiniões daquele que o escutarão?
- Há previsão dos contra-argumentos, a fim de refutá-los?
- O nível de linguagem está adequado para uma atividade oral em sala de aula?
- O discurso foi construído de modo a respeitar o outro?

6ª ETAPA: A produção final

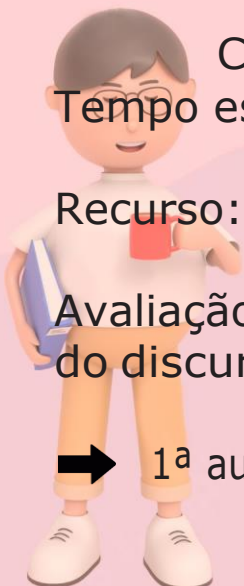
Conteúdo: A Argumentação como prática social de linguagem.
Objetivos: Produzir o debate livre.

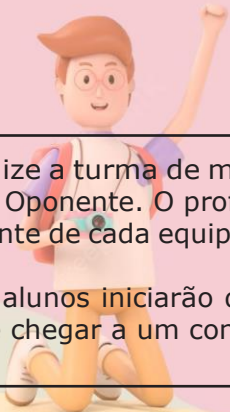
Colocar em prática o modelo dialogal de Plantin.
Tempo estimado: Uma aula de 50 minutos.

Recurso: Quadro branco e celular.

Avaliação: Analisar a produção final com base no planejamento do discurso.

➔ 1ª aula:





Professora(a), organize a turma de modo que se faça um semicírculo. De um lado, devem ficar o Proponente e o Oponente. O professor(a) será o moderador e quem realizará a pergunta. Peça para um integrante de cada equipe gravar o debate.

Feita a pergunta, os alunos iniciarão do debate livre. O professor fará as mediações necessárias. Ao final, busque chegar a um consenso com os alunos e agradeça a participação deles.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa sequência, esperamos contribuir para a formação de material didático que leve em conta as práticas linguísticas do aluno, tendo como foco a produção do seu próprio discurso argumentativo. Da mesma forma, é importante considerar como o gênero textual-discursivo debate permite a exposição de argumentos, além de uma vivência pedagógica interativa, com vistas à integração dos discentes. Eles passam a ter a oportunidade de agir ativamente em sala de aula, contribuindo com suas experiências pessoais e pontos de vista, assim como desenvolvem posturas políticas e de convívio coletivo, sabendo respeitar os turnos discursivos.

Logo, concebemos o debate como uma possibilidade de levar para a sala de aula assuntos de interesse dos alunos e, portanto, possibilitar maior engajamento, fazendo, assim, com que a sala de aula se torne um espaço de promoção e construção de saberes.



REFERÊNCIAS

A maioria dos jovens detesta a escola e acha que o estudo não serve para nada. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2018/10/a-maioria-dos-jovens-de-testa-a-escola-e-acha-que-o-estudo-nao-serve-para-nada-cjndlq0yv05vk01pieptp4jtz.html>> Acesso em 26/02/2023.

AMOSSY, Ruth. A argumentação no discurso. São Paulo: Contexto, 2018.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 6ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CARVALHO, Robson Santos de. FERRAREZI Jr. Celso. Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar. 1ed. São Paulo: Parábola, 2018.

CRESCITELLI, Mercedes Canha. REIS, Amália Salazar. O ingresso do texto oral em sala de aula. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: _____(ORG.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2004, pp. 61-78.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: _____(Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, pp.81-108.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François. Relato da elaboração de uma sequência didática: o debate público. In: _____(Org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, pp.213-239.

Escolas matam a aprendizagem. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Wau-IURFTpEc&t=3s>>. Acesso em 18 mar. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes. ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. AQUINO, Zilda. Reflexões sobre oralidade e escrita no ensino de língua portuguesa. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura. 1ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GERALDI, João Wanderlei (Org.). ALMEIDA, Milton José de [et al]. O texto na sala de aula. 4ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. Escrever e Argumentar. 1ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 10ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial; 2008.

